

OUTRIDADE

A vida é um processo linear que ao mesmo tempo em que vai está voltando. [...] Viver é um verbo transitório e transitivo, transável conforme for. (Torquato Neto)

Um solavanco! A sensação de cair de si. *Awake*?! Uma inércia!...Uma empatia!...O cérebro mandava, o corpo não obedecia. Queria voltar-me, revoltar-me, levantar da cama, sair daquela situação insólita, não conseguia. Um desequilíbrio neuropatológico?! Implicações parapsicológicas?! Uma defasagem psicossomática: a mente despertando antes do corpo e dependente do estágio de desequilíbrio, a resincronização?! Tudo estranho, eu reconhecia, mas não recordava. Eu sabia quem eu era, mas não como, onde, quando, por que ou por quem estava. Não era o meu quarto, nem outro qualquer de minha casa, mas eu já estivera ali, eu vira aquele lugar. Apesar do meu campo de ação e de visão estarem relativizados pela imobilidade física, de uma coisa eu estava certa, nunca dormira ali antes. Um estremecer na cama?!... Algo roçando meu corpo?!... Algo não, alguém?! Uma mão-corpo carinhosa, cálida e suave como a voz. Tudo muito próximo dos sentidos, longe, entretanto, do entendimento lógico: um abalo embalo, um hiato da percepção. Novamente o apelo-estímulo tátil e sonoro... Tive a impressão de que me podia começar a mover, mais que isso, a sensação de estar entre mim e mim mesma: eu entre(ou)via. Não era eu quem se voltava, era uma parte de mim. A sensorial?! Começava a ter, agora, pré-consciência da situação: eu me dera íntegra inteira a um homem... o aqui agora era torturante, eu não tinha ideia de quanto tempo passara, nem de tudo o que tinha acontecido. Talvez uma simples doação, mas que (in)vertera a realidade de toda uma vida. Então eu percebi que esse homem poderia ser meu elo com a realidade e o mistério deixou de ser motivo de pânico, para se transformar numa sensação de conforto. Apesar da insolência da transação, eu sabia que a entrega fora voluntária, apreendia isso por todos os meus sentidos, eu amava iminente, imanente e intensamente esse homem que preenchia todas as minhas frestas. Só o eu razão prosseguia insolente, inerte, indolente, sem conseguir entender como eu assumira moral e afetivamente a plenitude de ser no outro ser.

Peripatia. “O sono e as primeiras funções sexuais pressupõem estruturas regressivas”. Eu lera isso em algum lugar. Eu tentei manter a calma – se bem que a imobilidade impedia qualquer tipo de ação e continuei a especular-me. Foi quando a sensação de estar entre mim e mim mesma se acentuou mais e mais. Impulsos estranhos expulsavam-me de mim. E não eram só sensações, eu, realmente, estava entre duas outras pessoas. Uma, que se dava a seu homem não em busca de uma gratificação urgente, deixava-se agir em busca do prazer, procurava obtê-lo de suas próprias atividades, prazeres miúdos secretos, pausas ri(t)madadas, respiros suaves dos corpos surdos, doçura dos membros deixados de(le)itados no leito, afagos silentes nos luzentes lençóis. Dois seres desdiferenciando-se, interpelando-se, interpretando-se, interpenetrando-se, contemplando-se, complementando-se, devorando-se para se nutrirem, anulando-se para se consagrarem, morrendo para renascerem sublime no outro, num voluptuoso jogo lascivo em que não havia vencedor ou vencido, os dois ganhavam-se perdendo-se, reflexiva, recíproca e simultaneamente, sem regras, ao acaso, num diálogo-colisão-copulação mudo de tradução andrógina; momento de tensão do extremo de ser e de ser até o extremo, extremos de seres e seres extremos voltados sobre suas próprias entranhas, mostrando o reverso num silêncio de significado sentido. Uma experiência estética, a in-significância, passos de uma dança o fremir discreto, e eu feito efeito, espectadora, também fruía de seu prazer lúdico. A outra deslizou de mim, levantou-se tesa e tensa, sem, entretanto, atentar a nós três que continuávamos na cama, vestiu-se, apanhou uma valise e saiu acompanhada de um homem. Um homem?! – Claro, e o mesmo que se me neutralizava na voragem de nossos sentidos.

Fra(n)camente eu não entendia mais nada, eu me assistia numa substituição neurótica e esquizofrênica. Não, eu não me substituí, eu em(n)ergia de mim numa evasão-invasão de dentro, eu me estendia para fora do meu espaço numa prefiguração onde cada uma de nós exigia seu espaço distinto para se manifestar, eu me transgredia, transagia, eu reaparecia no mais vasto em dispersão. Eu, apenas o espaço real onde, entrementes, se estendiam as outras, uma extensão animada, eu me extraviava numa explosão de seres pelos espaços interiores e exteriores. Eu transera, paraexistia, gerava e ou degenerava-me, transmigrava-me,

transpunha-me. Movimento tresloucado de egoexcentrismo, eu me desfazendo no jogo de ser não sendo. Estilhaçamento, eu sendo sido serente, partícipio participante, feita em pedaços de mim. Vidente, vendo e dando vida aos entes ausentes. O porvir e o por ver, o revir e o rever em imagens não excludentes.

Bombatônita. Vera era eu verdadeiramente ou a imagem-espço que eu desejava preencher? Descontraída, desenvolta, dando e recebendo em simultânea reciprocidade sinestésica de amor, íntima, rica, trocando sentimentos mais fortes e importantes que as palavras, tudo bonito e limpo; desindividualização no mais pleno encontro de dois seres. A outra seria também eu? Eu já a vira, ouvira, sentira, sim eu vira aquela mulher. Eu vira... e Elvira levava o homem hedônico de Vera. E eu? Assistia impassível a essa decomposição súbita de mim mesma. Uma triáspora física. Elvira e ele saíram, em minha casa trocaram de roupa, vestiram-se formalmente, ele em cinza, ela longuibranca, dali para uma igreja, receberam cumprimentos, encaminharam-se para o altar, abraçaram pais parentes padrinhos, devolveram alianças a um padre que falando, falava, falando os desabençoava, com um beijo devolveu-a a um outro homem senhor, ao lado da mãe viu-a retirar-se tremendo da igreja.

Sensação de alívio! O homem de Vera lhe fora devolvido, seria só e todo dela. Minha sensual reflexão pode vê-los rumo a um não sei onde feliz. E Elvira, talvez estivesse desesperada? Não, nervosa numa expectativa feliz. Com o homem senhor voltou para minha casa, burburinho geral; chegada tiraram-se-lhe véus e flores da cabeça, pintura do rosto, despentearam-lhe os cabelos, despiram-na do vestido. Todos se retiraram, o silêncio pareceu acalmá-la um pouco. Campanha, cestas de flores e pacotes eram devolvidos. Vera extensa no solo macio de seu ser, areia, sol nascido, distantes, exclusivamente seus. Elvira olhava o relógio, assistindo ansiosa ao tempo passar, às vezes tentava distrair-se embrulhando mais presentes que a toda hora vinham buscar.

Um juiz em minha casa. O mistério da escrita, sinais que se desenlaçavam, devolvendo a liberdade de Elvira e definitivamente o homem de Vera, descompromisso de individualidades. Eu via Elvira readquirir sua liberdade, mas não a libertação. Vera me repetia, desgarrava-se de ser na busca de si, reunia-se me com

ela, sendo deixando de ser, sendo o desejo de ser, perdia seus limites no outro, rasgava suas fronteiras, chegava livre aos limites do escândalo cativa a uma cadeia de libertação.

E eu? Procurava o meu significado e não significava outra coisa além de ser procura. As duas iam esgotando minha personalidade atuante, privando-me de emoções, atitudes, modos de comportamento, aquisições, faculdades... Eu não conseguia coordenar nem subordinar(-me nas) minhas duas versões ou traduções. Eu era um ser signo isolante e isolado, transera-me numa abertura que ia perdendo sua arbitrariedade, para encontrar movimento-atuação. Perdia-me nos meus significados entre o sutil relacionamento de lembrança e esquecimento, realidade e irrealidade, no efervescer de sentimentos e pensamentos contraditórios. O estranhamento chamava-me à ação, intelecção, criação ou transgressão do mundo físico?, real?, verossímil? E, paciente de uma ação hipnotizante, deixei-me continuando assistir ao desvendamento prorregressivo das minhas possibilidades, no reconforto do não envolvimento, de especulações inúteis, de cômodo distanciamento e ubiquidade entre nós. Eu era onisciente e onipresente, entretanto, sem nenhum poder ou querer; continuava a sensação de ter acordado sem ter ido dormir, para acordar não na manhã seguinte, mas num tempo-espço preenchido, desabitado de futuro e passado, o presente, o tripresente, e elas não eram minhas alternativas, continuavam-me descontinuadamente, coexistíamos paralela e parabolicamente. Uma não apagava a outra.

E qual das duas seria a imagem que eu imaginava repreencher? Eram eu não intercomunicantes, eu era seu elo – ou ponto de (tri)partida -, meus simulacros homólogos e análogos, metáforas, metamorfoses, metonímias que refuncionavam o todo, - existe o todo?, explicavam, complementavam, suplementavam. Elvira continuava afogada, afobada, abafada, sufocada com o passar do tempo, precisava ainda devolver os presentes e começar a recolher os convites para poder mandar desimprimi-los. Vera começava, também a preocupar-se, retornar, retomar, tecer uma vida, reviver, fazer dele o que me propusera: a mais feliz de todas as criaturas.

Elvira e ele juntos, mais uma vez interpondo-se entre mim e meus desejos de Vera. Ele o culpado? Usava-nos, frequentava-nos tão naturalmente, que seria impossível uma desconhecer a existência da outra. Dois extremos: fingiam ignorar-se ou dividiam incrível e isomorficamente o mesmo homem? E eu, impassível juiz no tribunal de nossas emoções. Elvira, a mais que perfeita, em tudo o máximo de si, incapaz de receber para não se envolver ou assumir outra pessoa, só sabia dar, e dava sentimentos sólidos e intensos. Reflexiva, irradiava segurança e magnetismo, tudo era curtido intelectual e racionalmente, pensava antes de falar, media o que dizia, achava que apenas palavras não falam, atitudes dizem em plenitude. Era completa, autobastava-se, alheava-se em si mesma, in-sensível. Paradoxalmente, cheia de manias, extremamente mística e misteriosa, distante. Às vezes não a compreendiam. Nunca tivera obscurecimentos mentais, entretanto, tinha seus dias ausentes, dispersiva enclausurava-se em si mesma num mundo todo seu, tecido de ter sido, de planos, ideias e ideais, suposições, sonhos... Vivíamos carentes entre os parênteses afetivos dos parentes. Nessa ilusória sensação de plenitude, continuava a perder o tempo destinado ao tempo além de si e revelava o espaço recluso em que se movimentava meu ser. Tudo encapando nossa real sensibilidade. Necessidade de afeto, reconhecimento e incapacidade de interação eram encobertas por suas atitudes, um todo que não precisava de complemento, ocupava todo o seu espaço, um espaço sem saída. Quando tentava a libertação, num mo(vi)mento de circunvolução, voltava ao estado primeiro, autorrefletia-se, era seu ponto de referência, sua recorrência, não podia se passar a outrem, tinha sempre que assumir sua posição de ser e ser. Noites conquistadas, manhãs olhos lustrosos, sopros do real que vêm dissipar, dissolver, diluir o abafo do corpo sonado sonhado, o declínio da alma, espaços opacos, o sussurrar de falas ocultas nos ouvidos da imaginação, murmúrios e mistérios verdejantes, signos distantes, esperas infindas, inconfessáveis, o afundar-se no caos profundo de minha solidão, abismos das almas, das mentes, dos mundos, paisagens internas, estranhas entranhas, saudades guardadas do futuro. Vera recebia tudo numa doce dependência, deixava-se levar pelo fluxo dos sentimentos. Amava-se, anulava-se numa contração de seres, morria morrendo para viver renascendo dele. Neles eu percebia a fragilidade de nossos limites, confundiam-nos, ele me aglutinava e eu descobria Elvira na virtualidade de ser. Só ele fora capaz de abrir aspas aparentes nos parênteses

isolantes dos parentes e nos dar a volição de receber, a necessidade do toque físico a carícia-energia-vida, promessa extermínio de um corpo baldio pleno de esperanças vãs. Eu nos via, elas se me veriam? Vera realmente se alterdava, seria outra ou a vera vida? Se fosse, eu a vivia aqui na outra. Eu sendo minhas próprias imagens, eu mesma e as outras, o perpétuo chegar a ser. Estava viva e era vivida.

Diagonia fotografia. Elvira pétrea, rosto pálido, rija, tesa, tensa, um corpo de três pessoas, o pai, nossa avó que morreu dois aos depois, meu avô que morrera três anos antes. Petrificadas, desdiferenciadas, quatro caras caiadas que se sobrepunham, encaixavam, mesmificavam, voltavam a ser meu pai, a avó, nosso avô, Elvira silmultaneamente, cada um por sua vez. Velas velando, gente velando, corpos velados ressurgiam, natureza primeva, corpo alado lado alado, deserguendo muros, ressurgindo. As velas ascendiam, reacendiam, desqueimando brandas para cederem intactas à virgindade dos pavios novipuros. Flores-defuntos declinantes desmurchando, natureza morta revificando. Elvira não fala porque não pode, não consegue, não concebe, soluços, sulcos. Pai redivivo, a desincumbência de ser a mais forte da casa. Vera vivia para a família, pouco a pouco foi desaprendendo minha vastidão teórica convergindo multidirecionalmente à prática dele, resultado: gratificação total. Desceu voluntariamente do aprendizado que não previa a ocupação dele, um incluía a incompletude do outro, consagravam-se, sublimavam-se numa simbiose perfeita. Mudança de rumos, prumos, silenciosa progressão, imperceptível deslocar e descolar de posições, o mistério de planos operantes. Vera era o que aparentava ser, deixavam-se viver sempre dividindo tudo. Defeitos sim, contornados, preocupações redução ao banal. Só me lembro de ter assistido a duas situações muito difíceis. A primeira quando entre a filha e o segundo menino, teve um aborto. Foi um momento grave que dividi com os dois, sentindo a intensidade da perda, talvez mais que eles: era a extensão da minha extensão que se perdia. A segunda, um problema congênito meu quase levou Vera a uma cirurgia, um intenso tratamento ortopédico corrigiu. Ela dona de casa, ele chefe de família iam vivendo equilibradamente os extremos da vida. Problema de condução, nenhuma infração, carta de motorista de Elvira tirada, durou pouco, o difícil era ir até a universidade, de onde ela logo saiu para começar o colegial

pertinho de sua casa. Elvira sempre carregando os impactos das emoções e das experiências que eu vivera, quando eu a olhava tinha a impressão de ver a fisionomia de alguém cuja fama e desventuras eu já conhecia muito bem e que, por isso, me parecia distante e mítica. Vera desabrochava para um outro mundo, estava presa por vontade, só tinham certeza de si, plantavam e colhiam seu próprio tempero. Vera era a minha verdade, entretanto reconhecia mais Elvira, o que Elvira me recuperava, Vera, entretanto, se me projetava no outro, era o meu desafio, aceitava o que eu não tivera coragem de aceitar: o outro, e parecia esquecer-se de nós, não tinha nada a ver conosco. Talvez eu fale mais de Elvira, suas tensões-tentações, sua aparente abstinência sensitiva, desperdiçando a vida equilibradamente, é que Vera é uma criatura feliz e as pessoas felizes não têm grandes histórias, são felizes e pronto, decifram a vida sem dominar seu código, sentindo profundo e pleno, emoção turbilhão libertação prisioneira, sensação primária primeira, rumo seguro e reto seu caminho-afeto.

Elvira saiu da escola, não entrei no pré porque tinha um aparelho na perna e minha mãe não queria que os outros perguntassem e eu-ela se constrangesse- envergonhasse, tirei aquele negócio da perna, depois fiquei gessada um tempão, depois Elvira fora amarrada a uma tra(i)ção de dois quilos na perna minha perna esquerda e vinham visitas e parentes com presentes e de noite quando Elvira tinha câimbras porque se mexia na cama toda a família assistia e rezava e fazia massagens até eu adormecer entre sussurros penalizados. Revistas com cobras recortadas !que medo! me entretinham e livros e histórias e eu não queria ser cinderela suja de príncipe bobo de sapato de vidro nem João e Maria com fome de dedo magro de rabo de rato. Elvira não dizia nada para não deixar sentida minha mãe ou minha avó ou a pessoa recrutada para me dar distrações-distorções. Eu queria sair, brincar com minha irmã e meus primos e não podia, só imaginava... ao fundo a sonoridade de paia do gato de botas, da branca de neve, descoloridos no de cor da voz que me contava. Doía, mas Elvira até que gostava das câimbras – também era de noite e ninguém estava brincando – noite caimbrenta, dia seguinte meu avô sempre trazia uma novidade, uma vez Elvira chorou muito de dor e eu ganhei uma maquininha de costura que costurava, costurava de verdade e foi meu avô mesmo quem fez.

Meu vizinho amiguinho alemão vinha todo dia brincar comigo – acho que não era obrigado, coitado! – e trazia maçã, chocolate e bala de leite grudenta no dente e até flor. Elvira na calma cama, na cama, na cama, brincando só. As noites caimbrentas ficaram mais espetaculares, rendiam mais, meus primos, minha tia e meu tio mudaram para a casa do avô de Elvira, todos estavam menores, cabiam num quarto só e meu tio estava mais pobre.

O prédio descendente desceu descia e minha velha casa com jardim e porão com mesa de pingue-pongue e pebolim que Elvira nunca jogou porque era pequenininha e só atrapalhava – só imaginava – e quintal de terra com abacateiro e galinheiro onde minha e irmã e meus primos brincavam e eu olhava ficou no seu lugar.

Elvira-Vera compressão, descompreensão, desentendendo, des-sendo entes, desciam da vida. Tudo ficava grande, precisavam ser ajudadas, não conseguiam andar nem comer sozinhas. Vultos os adultos brincavam com a incapacidade de coordenação de Elvira. As crianças com a imobilidade enrugada de Vera. Cercadas de carinho, Elvira mais uma vez perdia minha individualidade, puxada por um cordão, agora era parte acolhida de um outro todo; Vera numa estaticidade fotográfica recuperava a imagem do meu pai, minha avó, meu avô... As duas retiravam-se do cenário convergindo para mim, o desnascido... o remorrer... Elvira vira Vera, Vera vira Elvira. E eu? Eu dobradura abertura, fissuras do ser, eu me detive, fui ultrapassada, me contive, acabei me perdendo, interrompendo-me, deixei apenas uma forma, fórmula latente de uma alquimia pessoal.

Virgínia Maria Antunes de Jesus